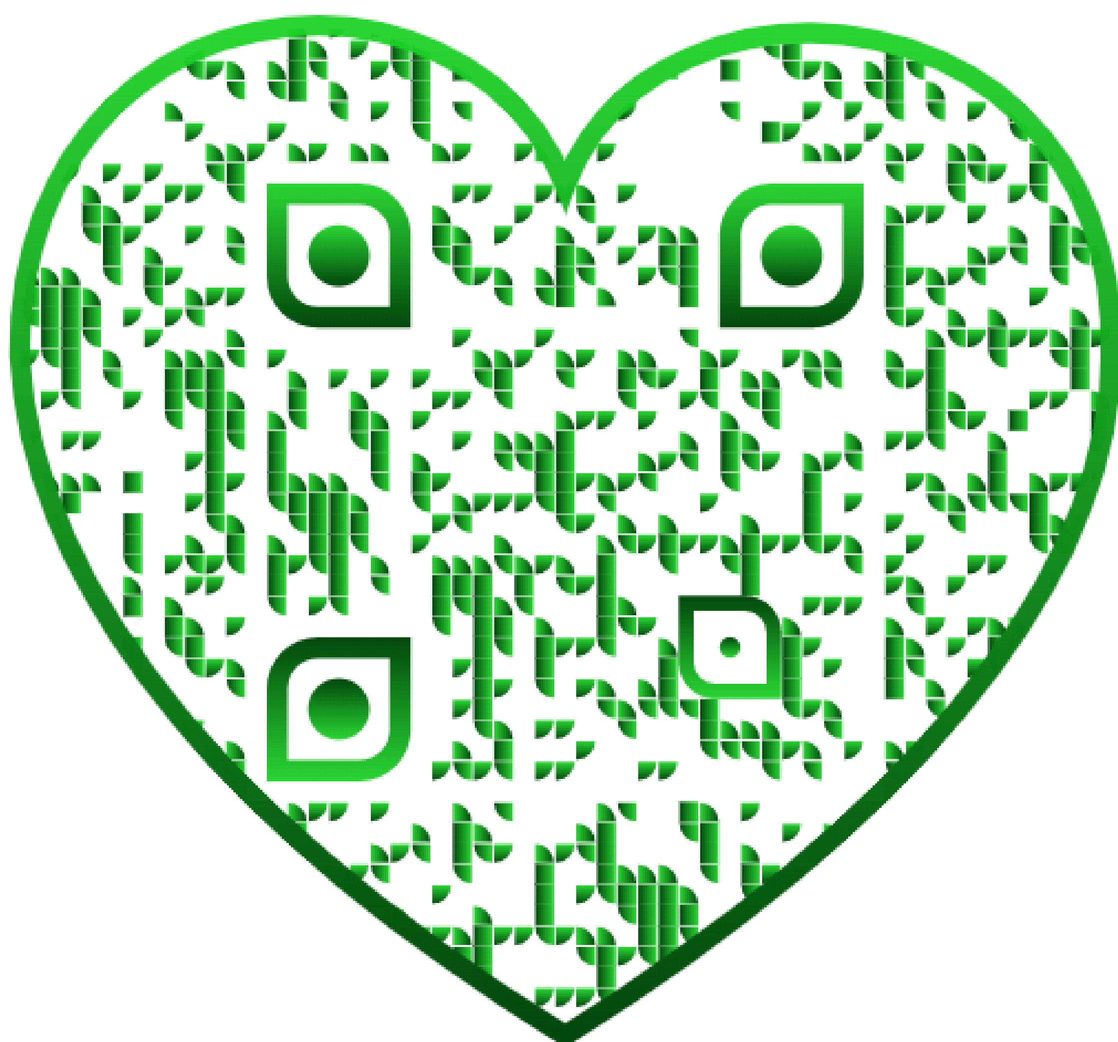
SONETOS
Du Bocage



virtualbooks



SONETOS
José Manuel Maria Barbosa du Bocage

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.



www.terra.com.br/virtualbooks

SONETOS

CANTATA À MORTE DE INÊS DE CASTRO

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando, memoraram
Camões, "Os Lusíadas", Canto III, est. 135

Longe do caro Esposo Inês formosa
Na margem do Mondego
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, cândidos penhores
Do tálamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem dela,
No regaço da mãe serenos gozam
O sono da inocência.
Coro subtil de alígeros Favónios
Que os ares embrandece,
Ora enlevado afaga
Com as plumas azuis o par mimoso,
Ora solto, inquieto,

Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos ternos meninos se reparte,
E com ténue murmúrio vai prender-se
Das áureas tranças nos anéis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura e das flores,
Que à bela Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao mundo apuras
O prazer da existência.
Tu de Inês lacrimosa
As mágoas não distrais com teus encantos,
Debalde o rouxinol, cantou de amores,
Nos versos naturais os sons varia;
O límpido Mondego em vão serpeia
Co'um benigno sussuro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume,
Em vão se doira o Sol de luz mais viva.
Os céus de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, ó Castro.
Objectos de alegria Amor enjoam,
Se Amor é desgraçado
A meiga voz dos Zéfiros, do rio,
Não te convida o sono:
Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos
Cerras, mísera, os olhos;
Mas não há para ti, para os amantes
Sono plácido e mudo;
Não dorme a fantasia, Amor não dorme:
Ou gratas ilusões, ou negros sonhos
Assomando na ideia, espertam, rompem
O silêncio da Morte.
Ah!, que fausta visão de Inês se apossa!
Que cena, que espectáculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmóreo salão de altas colunas,
A sólio majestoso e rutilante
Junto ao régio amador se crê subida;
Graças de neve a púrpura lhe envolve,
Pende augusto dossel do tecto de oiro,
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que ele;
Nos luzentes degraus do trono excelso

Pomposos cortesãos o orgulho acurvam;
A lisonja sagaz lhe adoça os lábios;
O monstro da política se aterra
E, se Inês perseguia, Inês adora.
Ela escuta os extremos,
Os vivas populares; vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dita;
O prazer a transporta, amor a encanta;
Prémios, dádivas mil ao justo, ao sábio
Magnânima confere;
Rainha esquece o que sofreu vassala:
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortais; do ceptro é digna,
Impera em corações... Mas, Céus! que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Inês sobressaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa ilusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, três vis algozes,
De buídos punhais a dextra armada,
Contra a bela infeliz, bramando, avançam,
Ela grita, ela treme, ela descora;
Os frutos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os Céus, o amante;
Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,
À suave atracção da formosura,
Vós, brutos assassinos,
No peito lhe enterrais os ímpios ferros,
Cai nas sombras da morte
A vítima de Amor lavada em sangue;
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotam;
Dos olhos se lhe some o doce lume;
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: "Esposo! Esposo!"

Os tristes inocentes
A triste mãe abraçam,
E soltam de agonia inútil choro.
Ao suspiro exaltado,
Final suspiro da fortuna extinta,
Os Amores acodem.
Mostra a prole de Inês, e tua, ó Vénus,
Igual consternação, e igual beleza:

Uns dos outros os cândidos meninos
Só nas asas diferem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcases de marfim, virotes de ouro)
Súbito voam dois do coro alado;
Este, raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove,
Aquele a conduzir o infausto anúncio
Ao descuido da amante.
Nas cem tubas da Fama o grão desastre
Irá pelo universo:
Hão-de chorar-te, Inês, na Hircânia os tigres,
No torrado sertão da Líbia fera
As serpes, os leões hão-de chorar-te.
Do Mondego, que atónito recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de cristal eis vêm surgindo;
Eis, atentas no horror do caso infando,
Terríveis maldições dos lábios vibram
Aos monstros infernais, que vão fugindo
Já c'roam de cipreste a malfadada,
E, arrepelando as nítidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lúgubres endechas
Tu, Eco, as decoraste;
E cortadas dos ais, assim ressoam
Nos côncavos penedos, que magoam:

Toldam-se os ares
Murcham-se as flores;
Morrei, Amores,
Que Inês morreu.

Mísero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é seu.

Sua alma pura
Nos Céus encerra;
Triste da Terra,
Porque a perdeu.

Contra a cruenta

Raiva ferina,
Taça divina
Não lhe valeu.

Tem roto o seio,
Tesouro oculto;
Bárbaro insulto
Se lhe atreveu.

Da dor e espanto
No carro de ouro
O númen louro
Desfaleceu.

Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

Toldam-se os ares
Murcham-se as flores;
Morrei, Amores,
Que Inês morreu.

A BUSCA DE EURÍDICE

De rutilantes vestes adornado
Himeneu rompe o ar, e à Trácia voa,
Lá donde o chama Orfeu, porém debalde.

O deus sim presidiu do vate às núpcias,
Mas não levara ali solenes vozes,
Nem presságio feliz, nem ledo rosto.
Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,
E em vez de viva luz soltar um fumo
Lutuoso, e fatal: vamente o nume
Tentou co movimento erguer-lhe a chama.
O efeito foi pior que o mesto agouro.

Enquanto a linda noiva os prados gira,
Das náiades gentis acompanhada,
Áspide oculto fere o pé mimoso:

Morre a moça infeliz, e o triste amante
Depois de a lamentar aos Céus, e à terra,
Empreende comover do Inferno as sombras;
Afouto desce a vós, Tenárias portas.

Por entre baralhada, aérea turba
Cujos restos mortais sepulcro logram,
Aos negros paços vai do rei das trevas,
Vê do tirano eterno o trono horrendo.
Lá casa os sons da voz, e os sons da lira,
Às deidades cruéis lá diz: "Oh deuses,
Deuses do mundo sotoposto à Terra,
No qual se há-de sumir tudo o que existe!
Se acaso a bem levais que ingénuas vozes
O artifício removam, crede as minhas.
Não venho para ver o opaco Averno,
Nem para agrilhoar as três gargantas
Do monstro Meduseu, que erriçam cobras.
Atrai-me ao reino vosso a morta esposa,
A quem pisada víbora o veneno
Nas veias desparziu, a flor murchando
Dos anos festivais, inda crescentes.
Constância quis opor ao dano acerbo,
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.
Este deus é nos Céus bem conhecido,
Aqui não sei se o é, mas se não mente
No rapto que pregoa antiga fama,
Vós também pelo Amor ligados fostes.
Ah! por este lugar, que abrange o medo,
Por este ingente caos, silêncio vasto,
Que do profundo império o seio ocupam,
De Eurídice gentil à doce vida
O fio renovai, tão cedo roto.
Ela, todo o mortal vos é devido,
Vem tudo, agora, ou logo, à mesma estância.
Por aqui pende tudo, é este o nosso
Derradeiro, infalível domicílio;
Vós tendes, vós gozais, a vós compete
Da espécie humana o senhorio imenso;
A que exijo de vós há-de ser vossa
Por inviolável jus, por lei dos Fados,
Tocando o termo da vital carreira:
O uso do meu prazer em dom vos peço.
Se o Destino repugna ao bem, que imploro,

Se a esposa me retém, sair não quero
Deste horror: exultai coa morte de ambos."
O triste, que assim une o verso à lira
Os exangues espíritos deploram:
À fugaz linfa Tântalo não corre:
A roda de Ixíon de assombro pára:
Os abutres cruéis não mordem Tício
As Bélides os crivos cair deixam,
Tu, Sísifo, te assentas sobre a pedra.
Das vencidas Euménides é fama
Que pela vez primeira os negros olhos
Algumas ténues lágrimas verteram.
Nem a esposa feroz, nem Dite enorme
Ousam negar piedade ao vate orante,
Chamam súbito Eurídice. Envolvida
Entre as recentes sombras ela estava:
Eis o mordido pé vem manso, e manso.
Recebe o trácio Orfeu coa bela esposa
Lei de que para trás não volte os olhos
Enquanto for trilhando o feio abismo,
Se nula não quiser a graça extrema,
Por duro, esconso, desigual caminho,
De escuras, vastas névoas carregado,
Um após outro os dois, vão em silêncio:
Já do tartáreo fim distavam pouco.

Temendo o amante aqui perder-se a amada,
Cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:
De repente lha roubam. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o mísero somente o vento abraça.
Ela morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do esposo; e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido;
E recai a infeliz na sombra eterna.

Fica atónito Orfeu coa dupla morte
Da malfadada esposa, como aquele
Que num dos colos viu com rijos ferros
Preso, arrastado à luz o cão trifauce,
E que o mudo pavor despiu somente
Quando despiu a natureza humana,
Transformado em rochedo imoto, e frio;

Ou qual o que a si mesmo impôs um crime,
Óleno, que de réu quis ter o nome
Por te salvar, misérrima Leteia,
Orgulhosa de mais com teus encantos,
Tu, que foste co esposo outrora uma alma
Repartida em dois corpos, que hoje és pedra
Com ele, e juntos no Ida estais sustidos.

O estígio remador expulsa o vate
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.
Sete dias jazeu na margem triste
Sem nutrimento algum: só a saudade
As lágrimas, a dor o alimentaram.

Depois de prantear vossa fereza,
Numes do Inferno, ao Ródope se acolhe,
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.
Dera o giro anual três vezes Febo,
E sempre o terno Orfeu de amor fugia,
Ou porque o mal passado o refreava,
Ou porque eterna fé jurado houvesse
A miseranda esposa: repulsadas
Mil belas ninfas seus desdéns carpiram.

P. Ovídio Nasão, *As Metamorfoses*, livro X, tradução de Bocage

SONETOS

1

À Restauração de Portugal em 1640

Cesarões, Viriatos, Apimanos,
Vós que, brandindo vingadora espada,
Tentastes sacudir da Pátria amada
O vil, o férreo jugo dos Romanos.

Surgi, vede-a no sangue de tiranos
Inda piores outra vez banhada,
E a nossa liberdade edificada

No estrago dos intrusos Castelhanos.

Aos senhores do mundo armipontentes
Arrancastes, em bélica porfia,
Parte do loiro que lhe honrava as frentes;

Porém com milagrosa valentia
Os vossos memoráveis descendentes
Fizeram mais livraram-se num dia!

2

Lusos heróis, cadáveres cediços,
Erguei-vos dentre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços.

Vinde salvar destes pardais castiços
As searas de arroz, por vós ganhadas;
Mas ah! Poupai-lhe as filhas delicadas,
Que. Elas culpa não têm, têm mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens, trémulo, respeite.

Vão para as várzeas, leve-os o Diabo;
Andem como os avós, sem mais enfeite
Que o langotim, diámetro do rabo.

3

Ó retrato da morte! Ó Noite amiga,
Por cuja escuridão suspiro há tanto!
Calada testemunha de meu pranto,
De meus desgostos secretária antiga!

Pois manda Amor que a ti somente os diga
Dá-lhes pio agasalho no teu manto;
Ouve-os, como costumas, ouve, enquanto

Dorme a cruel que a delirar me obriga.

E vós, ó cortesãos da escuridade,
Fantasmas vagos, mochos piadores,
Inimigos, como eu, da claridade!

Em bandos acudi aos meus clamores;
Quero a vossa medonha sociedade,
Quero fartar meu coração de horrores.

4

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah!, cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não doirava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos.
Saiba morrer o que viver não soube.

5

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co'o sacrílego gigante;

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penúria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,

Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrio, como tu, da Sorte dura
Meu fim demando ao Céu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas... oh, tristeza!...
Se te imito nos transes da Ventura,
Não te imito nos dons da Natureza.

6

Adamastor cruel! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorizado!
Ó monstro! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os domadores!

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepúlveda afamado,
Co'a esposa e co'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Vénus e os Amores.

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole e a bela dama,
Às garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afoito Gama!
Pelos nossos desastres és famoso.
Maldito Adamastor! Maldita fama!

7

SONETO DITADO NA AGONIA

Já Bocage não sou!... À cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura;

Conheço agora já quão vã figura,
Em prosa e verso fez meu louco intento:

Musa!... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura.

Eu me arrependo; a língua quase fria
Brade em alto pregão à mocidade,
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... a santidade
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

8

AUTOBIOGRAFIA

De cerúleo gabão não bem coberto,
passeia em Santarém chuchado moço,
mantido, às vezes, de sucinto almoço,
de ceia casual, jantar incerto;

dos esbrugados peitos quase aberto,
versos impinge por miúde e grosso;
e do que em frase vil chamam caroço,
se o que, é *vox clamantis in deserto*;

pede às moças ternura, e dão-lhe motes;
que, tendo um coração como estalage,
vão nele acomodando a mil peixotes.

Sabes, leitor, quem sofre tanto ultraje,
cercado de um tropel de franchinotes?
– É o autor do soneto: – é o Bocage.

****